

Desinfodemia da COVID-19 e a prática de automedicação

COVID-19 dysinfodemic and the practice of self-medication

Disinfodemia por COVID-19 y la práctica de la automedicación

Recebido: 24/09/2022 | Revisado: 05/10/2022 | Aceitado: 06/10/2022 | Publicado: 16/10/2022

Rafaela Sterza da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4049-475X>
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
E-mail: rafasterza@hotmail.com

Thaís Cristina dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6785-7485>
Faculdade Pitágoras de Londrina, Brasil
E-mail: thais.c.santos_enf@outlook.com

Luana de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6694-1717>
Faculdade Pitágoras de Londrina, Brasil
E-mail: luanaa_deoliveira@hotmail.com

Hemilly Rebeca Diorio Correa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8309-1598>
Faculdade Pitágoras de Londrina, Brasil
E-mail: hemilly20@outlook.com.br

Maria Eduarda Scarpi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9045-2355>
Faculdade Pitágoras de Londrina, Brasil
E-mail: maria.scarpi@outlook.com

Ludmilla Laura Miranda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8056-5551>
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
E-mail: m.ludmilla@hotmail.com

Mykhaela Misael de Aguiar e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1469-9145>
Faculdade Pitágoras de Londrina, Brasil
E-mail: mykhaelamisael@hotmail.com

Resumo

Objetivo: identificar por meio da literatura estudos que abordem automedicação e sua relação com a COVID-19. **Método:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura, em que a construção do estudo se sustentou na pergunta “Como e quais os fatores influenciou na prática da automedicação pela população frente a pandemia da COVID-19?”. O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses junho a agosto de 2021, utilizando as bases de dados PubMed, Cochrane, Scielo e Lilacs por meio dos descritores em português e inglês: self-medication / automedicação; Covid-19; pandemics / pandemia. Não houve restrição quanto à data de publicação dos estudos. Critérios de inclusão: estudos que retratassem a prática da automedicação frente a pandemia da COVID-19; publicados em periódicos, nos idiomas português, inglês e espanhol, com resumo e texto completo disponíveis para a leitura. **Resultados:** a busca resultou em vinte e três artigos, sendo treze na Pubmed, quatro na Cochrane, dois na Lilacs e quatro na Scielo. A amostra final desta revisão foi constituída por quatro artigos. **Considerações Finais:** durante pandemia, o isolamento social, mudanças no estilo de vida, medo de adoecer e morrer, o negacionismo científico e a desinformação tornam-se responsáveis pela indução ao uso de certos medicamentos se baseando em pesquisas incipientes e sem dados robustos de evidência científica de benefício clínico e segurança.

Palavras-chave: Automedicação; COVID-19; Pandemia.

Abstract

Objective: to identify, through the literature, studies that address self-medication and its relationship with COVID-19. **Method:** this is an integrative literature review, in which the construction of the study was based on the question “How and which factors influenced the practice of self-medication by the population in the face of the COVID-19 pandemic?”. The bibliographic survey was carried out between June and August 2021, using the PubMed, Cochrane, Scielo and Lilacs databases using the descriptors in Portuguese and English: self-medication / self-medication; Covid-19; pandemics / pandemic. There was no restriction regarding the publication date of the studies. Inclusion criteria: studies that portrayed the practice of self-medication in the face of the COVID-19 pandemic; published in journals, in

Portuguese, English and Spanish, with abstract and full text available for reading. Results: the search resulted in twenty-three articles, thirteen in Pubmed, four in Cochrane, two in Lilacs and four in Scielo. The final sample of this review consisted of four articles. Final Considerations: during a pandemic, social isolation, changes in lifestyle, fear of getting sick and dying, scientific denialism and misinformation become responsible for inducing the use of certain drugs based on incipient research and without robust evidence data. scientific evidence of clinical benefit and safety.

Keywords: Self-medication; COVID-19; Pandemics.

Resumen

Objetivo: identificar, a través de la literatura, estudios que aborden la automedicación y su relación con la COVID-19. **Método:** se trata de una revisión integrativa de la literatura, en la que la construcción del estudio se basó en la pregunta “Cómo y qué factores influyeron en la práctica de la automedicación por parte de la población frente a la pandemia de la COVID-19?”. El levantamiento bibliográfico se realizó entre junio y agosto de 2021, utilizando las bases de datos PubMed, Cochrane, Scielo y Lilacs utilizando los descriptores en portugués e inglés: automedicación/automedicación; COVID-19; pandemias / pandemia. No hubo restricción en cuanto a la fecha de publicación de los estudios. **Criterios de inclusión:** estudios que retrataran la práctica de la automedicación frente a la pandemia de la COVID-19; publicado en revistas, en portugués, inglés y español, con resumen y texto completo disponibles para lectura. **Resultados:** la búsqueda arrojó veintitres artículos, trece en Pubmed, cuatro en Cochrane, dos en Lilacs y cuatro en Scielo. La muestra final de esta revisión consistió en cuatro artículos. **Consideraciones finales:** durante una pandemia, el aislamiento social, los cambios en el estilo de vida, el miedo a enfermarse y morir, el negacionismo científico y la desinformación se vuelven responsables de inducir el uso de ciertos medicamentos basados en investigaciones incipientes y sin evidencia científica sólida de beneficio clínico y la seguridad.

Palabras clave: Automedicación; COVID-19; Pandemia.

1. Introdução

No decorrer dos séculos, a humanidade vivenciou inúmeras pandemias, como por exemplo, a peste negra que assolou a Europa no século XIV, a varíola que matou pessoas por todo o mundo por mais de 3 mil anos e a gripe suína (H1N1), que em 2009, se disseminou em ritmo acelerado matando cerca de 16 mil pessoas. Recentemente, a pandemia da COVID-19, que teve seu início na cidade de Wuhan na China após um surto de pneumonia no final de 2019, já matou mais de três milhões de pessoas em todo o mundo, produzindo impactos sociais, econômicos e graves consequências para o sistema de saúde global (Freitas et al., 2020; Senhoras, 2020).

Na pandemia da COVID-19, o crítico cenário caracterizado pela rápida disseminação da doença, expressiva morbimortalidade e ausência de terapêutica específica contra o novo coronavírus, revelaram limitações e fragilidade dos serviços de saúde em todo o país. Diante das circunstâncias, o medo e a incerteza se fizeram presentes, impulsionando a população a buscar estratégias farmacológicas de tratamento e prevenção, intensificando o hábito de automedicação (Brito et al., 2020; Do Bú et al., 2020).

O consumo irracional de medicamentos constitui um elemento do autocuidado, mas, quando realizada de forma indiscriminada e indevida, provoca graves consequências como toxicidade, doenças iatrogênicas, efeitos indesejáveis, mascaramento dos sintomas de doenças com desfecho negativo, aumento de gastos para o indivíduo e para o sistema de saúde. A automedicação ocorre quando há consumo medicamentoso sem a indicação de um profissional habilitado para tratar doenças ou aliviar sintomas (Batista, 2021; Malik et al., 2020; Galato et al., 2012). Secoli et al (2019), definem automedicação quando o indivíduo, por iniciativa própria e sem indicação ou prescrição de um profissional de saúde, faz uso de fármacos com o propósito resolver seu problema de saúde ou amenizar algum desconforto, podendo acarretar graves prejuízos à saúde.

A automedicação é uma prática comum no Brasil que precisa ser entendida, a partir da premissa que inexistem medicamentos inofensivos, que o hábito de se medicar sem orientação médica é inseguro à saúde individual e coletiva. O uso inadequado de medicamentos provoca aumento dos efeitos adversos, reações alérgicas, dependência química, intoxicações danos hepáticos, hematológicos e gastrointestinais. Além disso, 29% das mortes no país ocorrem por intoxicação medicamentosa em decorrência da automedicação (Fernandes, 2018; Arrais et al., 2016).

Segundo dados do Conselho Federal de Medicina, 77% da população brasileira fazem o uso de medicamentos sem prescrição médica. A elevada utilização indevida de medicamentos é um costume observado em todas as classes sociais, decorrente de herança cultural, problemas sociais e estilo de vida das pessoas. Pesquisas apontam que a idade, sexo, nível de escolaridade, renda familiar, condições socioeconômicas, concepção acerca do processo saúde-doença e ser portador de doenças crônicas, influenciam diretamente no consumo de medicamentos (Ministério da Saúde, 2021; Mengue et al., 2016; Bertoldi et al., 2016; Costa et al., 2017; Domingues et al., 2017).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade, no ano de 2018, mostra que os medicamentos mais consumidos no Brasil são: analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), relaxantes musculares (26%), antitérmicos (19%), descongestionantes nasais (15%), expectorantes (13%), antiácidos (10%) e antibióticos (10%). A automedicação é praticada por indicação de amigos (41%), vizinhos (27%), familiares (68%) e balconistas de farmácias (48%) (Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade, 2018).

Com o intuito de obter informações quanto ao perfil de uso de medicamentos e automedicação de estudantes universitários da área da saúde durante a pandemia da COVID-19, uma pesquisa constatou que o consumo de medicamentos aumentou entre os acadêmicos em razão da pandemia. As medicações mais consumidas foram a ivermectina, cloroquina/hidroxicloroquina, vitamina D, vitamina C, azitromicina e dexametasona (Andrade et al., 2021).

Pesquisadores evidenciaram através de um estudo multicêntrico que os medicamentos mais consumidos pela população peruana após o início da pandemia foram: acetaminofeno, ibuprofeno, azitromicina, penicilina, antirretrovirais e hidroxicloroquina (Quispe-Cañari et al., 2021).

Diante do exposto, esse estudo tem como objetivo identificar por meio da literatura estudos que abordem automedicação e sua relação com a COVID-19.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa. Esse método consiste em um instrumento da Prática Baseada em evidências, pois permite compreender conceitos, revisar teorias e evidências, e analisar problemas metodológicos de um determinado fenômeno, possibilitando a síntese do conhecimento e a incorporação de seus resultados na prática (Whittemore et al., 2005).

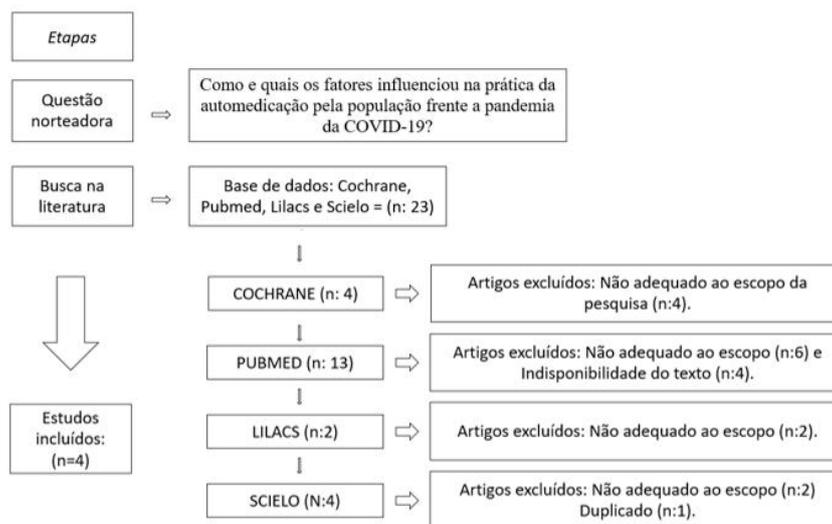
Para elaboração desta revisão integrativa, foram seguidas as seguintes etapas, segundo Souza et al (2010): 1) Elaboração da hipótese: consiste na definição da pergunta norteadora e em seguida a seleção dos descritores. Neste estudo a questão norteadora foi: “Como e quais os fatores influenciou na prática da automedicação pela população frente a pandemia da COVID-19”. Os descritores utilizados foram: Self-medication/Automedicação; COVID-19; Pandemics/Pandemia. 2) Seleção da amostragem na literatura: contempla a elaboração dos critérios de inclusão e exclusão, seguido pelo levantamento nas bases de dados. Nessa fase, foram utilizados artigos em modelo de publicação online, nas bases de dados: PubMed, Cochrane, Scielo e Lilacs, sendo aplicada, nesta busca as seguintes combinações em inglês e português “Self-medication AND COVID-19 AND Pandemics” e “Automedicação AND COVID-19 AND Pandemia”. O levantamento bibliográfico foi realizado no período de 10 de junho a 15 de agosto de 2021. Para seleção dos artigos científicos, foi realizada a leitura dos títulos e dos resumos, conforme os critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram produções científicas que retratassem a prática da automedicação frente a pandemia da COVID-19; estudos científicos publicados em periódicos, nos idiomas português, inglês e espanhol, com resumo e texto completo disponíveis para a leitura. Não foi determinado período de publicação. Foram excluídos os estudos científicos provenientes de resumos de congressos (abstracts). Os artigos científicos duplicados foram excluídos. 3) Coleta de dados: se refere a categorização dos estudos incluídos na pesquisa com o objetivo de resumir e organizar tais informações. Utilizou-se neste estudo um instrumento elaborado pelos autores para realizar a coleta de dados

composto por: autor, ano, país, título, periódico, objetivo, tipo de estudo e principais considerações. 4) Análise crítica dos estudos: análise dos dados extraídos. A busca nas bases de dados resultou em vinte e três artigos. Na Pubmed, treze artigos foram encontrados, sendo dez excluídos por não se enquadrar ao escopo e por indisponibilidade do texto completo. Os quatro artigos encontrados na Cochrane e os dois artigos da Lilacs, foram todos excluídos por não se adequarem ao escopo do estudo. Em relação a base de dados Scielo, quatro artigos foram encontrados, contudo, dois não se adequaram ao escopo e um foi excluído por duplicidade. Assim, a amostra final desta revisão foi constituída por quatro artigos. 5) Discussão dos resultados: momento em que o pesquisador discute e interpreta os resultados, compara e fundamenta com o referencial teórico, além de identificar as lacunas do conhecimento e avaliar quanto a sua aplicabilidade. 6) Apresentação da revisão integrativa: compreende a síntese do conhecimento, em que se deve refletir profundamente as informações de cada produção científica revisada de forma sistematizada para apresentar as evidências encontradas.

3. Resultados e Discussão

Após a análise dos estudos identificados, quatro artigos foram selecionados. A figura 1 apresenta as etapas da revisão integrativa e a estratégia de seleção dos artigos.

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos.



Fonte: Autores.

Os dados do estudo que compõem esta revisão foram inseridos em uma planilha do Microsoft Excel e agrupadas nas categorias: autor, ano da publicação, país, título, periódico, objetivo, tipo de estudo e principais considerações, como explicitado no Quadro 1.

Quadro 1. Estudos incluídos na revisão integrativa – classificação e categorização.

	Autor, Ano, País	Título	Periódico	Objetivo	Tipo de estudo	Principais considerações
1	Autores: Gras, M., Gras-Champel, V., Moragny, J., Delaunay, P., Laugier, D., Masmoudi, K. & Liabeuf, S. Ano: 2021 País: França	Impact de l'épidémie de COVID-19 sobre as notificações de efetivos independentes médicamenteux associés à l'automédication.	Annales pharmaceutiques Françaises - Journals Elsevier Masson.	Descrever as características das reações adversas a medicamentos associadas à automedicação que foram notificadas à Base de Dados de Farmacovigilância Francesa durante o primeiro surto francês COVID-19 (de março a maio de 2020).	Estudo observacional descritivo.	O uso nocivo da automedicação no contexto da COVID-19 resultou em sua grande maioria em reações graves, caudadas por overdose ou erros de medicação. O medo desproporcional de adoecer por COVID-19 desencadeou mudanças no comportamento das pessoas, que, evitaram procurar atendimento médico e passaram se automedicar de forma excessiva e indiscriminada.
2	Autores: Makowska, M., Boguszewski, R., Nowakowski, M. & Podkowińska, M. Ano: 2020 País: Polónia	Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown.	Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública.	Correlacionar a imposição do lockdown e o comportamento relacionado à automedicação.	Estudo observacional analítico transversal.	A automedicação quando realizada de forma correta pode ser benéfica em situações específicas, como no caso de pandemias, porém, quando inadequada pode causar sérios problemas à saúde. O isolamento social propiciou a automedicação na população. Mudanças de comportamento como: medo relacionado a própria saúde, emprego, finanças, abalo no bem-estar mental e a crença do uso de medicações como forma de prevenir a doença foram as principais causas desencadeadoras prática de automedicação.
3	Autores: Faqih, A. M. A. & Sayed, S. F. Ano: 2020 País: Arábia Saudita	Pratique d'automédication avec analgésiques (AINS et acétaminophène) e antibiotiques chez les étudiants de premier cycle en sciences infirmières du University College Farasan Campus, Jazan University, KSA.	Annales Pharmaceutiques Françaises – Journals Elsevier Masson.	Gerar dados sobre a prática de automedicação com analgésicos, anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e acetaminofeno, e os antibióticos entre estudantes de enfermagem do University College Farasan Campus.	Estudo descritivo transversal.	A prática de automedicação aumentou significativamente durante a pandemia. Os dados do estudo mostraram que o paracetamol é o analgésico mais utilizado pelos estudantes. Entre os anti-inflamatórios não esteroides, ibuprofeno e diclofenaco foram os medicamentos mais usados para controlar diferentes tipos de dor. A azitromicina foi o único antibiótico usado pelos participantes do estudo para diminuir a dor relacionada a infecções de garganta, incluindo dor de garganta e gripe. Dor de cabeça, cólica menstrual, febre, tosse, dor de garganta, queda de cabelo, e dor no corpo, são as principais causas relacionadas ao uso indiscriminado de medicamentos. Os fatores que levaram à

						<p>automedicação entre a população do estudo foram: a falta de tempo para ir a uma clínica particular ou hospitais públicos, suposto o conhecimento sobre a doença /tratamento e o uso da medicação para tratar sintomas parecidos anteriormente.</p>
4	<p>Autores: Nvarrete-Mejía, P. J., Velasco-Guerrero, J. C., Loro-Chero, L. Ano: 2020 País: Peru</p>	<p>Automedicación en época de pandemia: Covid-19.</p>	<p>Revista del Cuerpo Médico Hospital Nacional Almanzor Aguinaga Asenjo.</p>	<p>Conhecer as características da automedicação como tratamento preventivo ou sintomático na fase anterior e contra a pandemia da COVID-19.</p>	<p>Estudo observacional descritivo.</p>	<p>Durante a pandemia, a idade das pessoas que se automedicam diminuiu em decorrência da preocupação com tratamentos medicamentosos preventivos contra o vírus por parte da população mais jovem.</p> <p>Apesar do coronavírus acometer em grande parte a população masculina, a preocupação com métodos preventivos contra a COVID-19 por parte das mulheres desencadeou um aumento na automedicação na população feminina durante a pandemia. Além disso, foi possível perceber que tanto as pessoas com comorbidades quanto as sem, passaram a se automedicarem durante a pandemia da COVID-19.</p> <p>A automedicação é um problema de saúde pública e, em situações pandêmicas, ocorre um aumento do consumo de medicamentos sem indicação médica. Não há evidências científicas, até o momento, que mensurem os malefícios, para a população, acerca da prática de automedicar-se durante a pandemia.</p>

Fonte: Autores.

Face à COVID-19, o consumo indiscriminado de medicamentos pela população aumentou exageradamente. A automedicação dá-se quando as pessoas utilizam algum medicamento com o intuito de reestabelecer a saúde ou aliviar algum desconforto, por decisão própria e sem a prescrição e indicação por um profissional da saúde habilitado, acarretando prejuízos no bem-estar físico, mental e social (Andrade et al., 2021).

No campo da saúde, muitas foram as influências da pandemia da COVID-19 sobre a prática da automedicação. A vida e o cotidiano de toda a sociedade passaram por transformações que repercutiram em mudanças de hábitos e comportamentos. Inúmeras medidas foram empregadas para reduzir o contágio pelo vírus, como o isolamento social, uso de máscaras e higienização das mãos com álcool gel. No entanto, insuficiente atenção foi dada aos fatores psicológicos que influenciaram no comportamento das pessoas. Ademais, o escasso investimento em pesquisas e a rápida transmissão da COVID-19, colocou o país em um estado de insegurança e vulnerabilidade. Diversos vieses cognitivos acerca da prática médica, pesquisas primárias de condução duvidosa e de baixa qualidade metodológica, assim como lapsos na análise e compreensão dos resultados de pesquisas clínicas e dos fatos epidemiológicos e a propagação de falsas informações contribuíram com a prática de intervenções medicamentosas agravando o problema da automedicação. (De Oliveira et al., 2021; Neves et al., 2020; Werneck et al., 2020; Do Bú et al., 2020; Tejada et al., 2020).

Os desafios encontrados pela comunidade científica transcenderam a busca por desenvolver a vacina e instituir um tratamento seguro e eficaz. O negacionismo à ciência por parte de líderes políticos como estratégia de solucionar o problema de forma rápida, econômica e com métodos já existentes, contribuíram para o uso irracional de certos medicamentos. Além disso, tem-se a desinformação, que através das redes sociais propiciou a disseminação de informações errôneas e falsas notícias, as quais induziram de modo desfavorável o comportamento e as ações da população, ocasionando a disseminação da doença e a morte acidental em razão da automedicação (Carvalho et al., 2020; Gomes et al., 2020).

Com a imposição do distanciamento social, como medida protetiva à propagação do novo coronavírus e como forma de evitar um colapso do sistema de saúde, a internet, se fez importante recurso de comunicação on-line. Nesse contexto, as plataformas de mídias sociais desempenharam fundamental fonte de divulgação e consumo de informações acerca da COVID-19. No entanto, muitas falsas notícias foram postadas e compartilhadas nas mídias sociais, ocasionando a disseminação de pseudoinformações, conhecidas como Fake News. Esse fenômeno de produção e difusão de desinformação, denominado de “infodemia”, causa danos à saúde, especialmente, à população desprovida de alfabetização digital, pois carente de senso crítico, costumam pôr em prática tudo o que leem na web. Além disso, a quantidade e a velocidade com que as Fakes News chegam as pessoas complicam ainda mais esse cenário. (Sharma et al., 2020; Vigdor, 2020; De Souza Junior et al., 2020; Zarocostas, 2020).

Devido às repercussões negativas que as falsas informações exerceram sobre a prática de saúde no decorrer da pandemia, a UNESCO criou um termo que retrata a gravidade com que as inverdades refletiram no cenário pandêmico: desinfodemia. Afinal, a desinformação acerca do novo coronavírus “é mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros assuntos”, podendo ser tão letal quanto o próprio vírus (Posetti et al., 2020).

No início de março de 2020, o objeto de desinformação norteava as crenças populares como métodos preventivos para o coronavírus, como o gargarejo com chá de boldo ou bicarbonato de sódio. Num segundo momento, em abril do mesmo ano, uma nova onda de Fake News surge concomitante às medidas de proteção instituídas pelos órgãos governamentais, que refutavam o uso de máscara, isolamento social, lockdown e o uso de álcool em gel. Logo depois, em maio de 2020, links e/ou fontes de notícias foram acrescentados ao compartilhamento de informações equivocadas através de aplicativos de mensagens para validar falsamente estratégias terapêuticas com uma combinação de hidroxiquina ou cloroquina, azitromicina, ivermectina e nitazoxanida, além de suplementos de zinco e das vitaminas C e D. A prescrição e o uso indiscriminado desses medicamentos, mesmo que sem evidências científicas quanto a segurança e eficácia para tratar e prevenir a COVID-19, foram

incentivados quando profissionais da saúde, autoridades públicas, website oficiais vinculados às Secretarias de Saúde e ao Ministério da Saúde divulgaram e defenderam o “tratamento precoce” e o uso do “kit-covid”. (Bapaye et al., 2021; Neto et al., 2020; Zuker et al., 2022; Santos-Pinto et al., 2021).

Um estudo infodemiológico revelou que trinta dias após a declaração pela Organização Mundial da Saúde (OMS) da pandemia por SARS-CoV2, houve um crescimento expressivo na busca por informação na internet acerca da “Azitromicina”, “Cloroquina”, “Hidroxicloroquina”, “Ivermectina”, “Vitamina D” e “Zinco”. Além disso, a partir de março de 2021, quando ocorreu aumento na incidência da COVID-19, a pesquisa por “Kit Covid” e “Tratamento Precoce” se intensificaram nos sites de buscas. O termo “Vacina” ou “Vacinas” foi amplamente pesquisado dias após o anúncio feito pela OMS. (Oliveira et al., 2022).

Segundo o relatório do projeto democracia infectada, que tem por objetivo produzir estudos sobre como a sociedade incorpora as redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e outros serviços de internet no contexto da participação democrática e da formulação de políticas públicas, mostrou que, ao contrário de outros países, que vivenciaram ondas de falsas informações, no Brasil, o uso indiscriminado de medicamentos para prevenção da COVID continuam presentes ao longo do tempo, indicando que desinformação está amplamente associada a disputas políticas internas no país. (Machado et al., 2020).

De acordo com De Souza Santos (2020), a compreensão da sociedade contemporânea acerca dos riscos que está exposta é condicionada por ideologias políticas e midiáticas. O negacionismo científico, a relevante letalidade, a iminência de contágio e a falta de terapêutica específica contra o coronavírus colocou em alerta os brasileiros. Logo, o medo e a incerteza diante de uma doença desconhecida intensificaram a prática de automedicação. Grande parte desses medicamentos, promissores em análises in vitro, demonstraram ser ineficazes para a prevenção e o tratamento da COVID-19 quando aplicados a estudos clínicos em humanos. Entretanto, a visibilidade dada a tais terapias desencadeou uma procura desgovernada por farmácias como jamais vista no país. (Do Bú et al., 2020; Brito et al., 2020; Conselho Regional de Farmácia, 2020).

No Brasil, um estudo científico acerca do uso indiscriminado de medicamento durante a pandemia da COVID-19, demonstrou uma prevalência de automedicação de 32,7%, sendo a prevenção para SARS-CoV-2 o principal motivo para o aumento do consumo medicamentoso. A exemplo disso, o Conselho Federal de Farmácia constatou um aumento na venda de medicamentos off-label (fora da indicação prevista em bula) entre abril de 2020 a março de 2021. O crescimento da vendagem de fármacos sem eficácia comprovada cientificamente contra a COVID foi de 126% para a hidroxicloroquina (antimalárico), ivermectina (vermífugo) de 857%, azitromicina (antibiótico) superou 71%, nitazoxanida (antiparasitário) excedeu 14%, 59% para o ácido ascórbico (vitamina C) e colecalciferol (vitamina D) mais de 100%. (Wirowski et al., 2022; Conselho Federal de Farmácia, 2021).

O uso de medicamentos off-label é nocivo à saúde, pois não há de evidências sobre sua segurança para indicações não regulamentadas. Além disso, o consumo irracional de medicamentos compromete a qualidade e as propriedades dos fármacos, causam reações adversas além do esperado, bem como o risco de intoxicação medicamentosa ou até mesmo overdose. Em casos mais específicos, como antibióticos, favorece a resistência microbiana esgotando os recursos terapêuticos para infecções, e, como consequência, provocando graves danos ao organismo e o aumento no número de mortes. No atual cenário pandêmico, o hábito de automedicar-se, aumenta os riscos perante a nova doença, piora a condição clínica dos infectados e desencadeia novos agravos à saúde que podem se tornar fatores de maior vulnerabilidade à doença (Xavier et al., 2021; Tritany et al., 2020).

4. Considerações Finais

A automedicação é uma adversidade global praticada muito antes da COVID-19, porém, com a pandemia do novo

coronavírus, a comercialização e o consumo de medicamentos sem indicação de um profissional habilitado aumentaram significativamente, impondo um grande desafio para a saúde pública.

Danos econômicos, sociais, políticos e sanitários foram desencadeados pelo SARS-CoV-2. Muitos foram os fatores que contribuíram para que a prática da automedicação alcançasse um patamar crítico: isolamento social, mudanças no estilo de vida, medo de adoecer e morrer, disseminação de Fake News acerca de tratamentos e métodos preventivos pelas mídias sociais, como o “tratamento precoce” e o “kit Covid”, interesses políticos, desvalorização e analfabetismo científico.

O negacionismo científico somados à desordem informacional sobre a COVID-19 por parte do Estado contribuíram para que a população buscasse conhecimento através da internet e de fontes não seguras, se respaldando em informações tendenciosas, para deliberar o autocuidado com desígnios de curas milagrosas, refutando a ciência e as orientações de profissionais de saúde que baseiam sua prática em evidências.

Nessa perspectiva, políticas públicas de educação e promoção de saúde, bem como medidas regulatórias quanto ao uso irracional e indiscriminado de medicamentos, devem ser implementadas para conscientizar a população e mitigar os riscos decorrentes da automedicação. Sugere-se, também, que estudos futuros busquem investigar, de forma sistematizada, as consequências da autoadministração de medicamentos off label durante a pandemia da COVID-19. Estudos dessa natureza podem contribuir na elaboração de ações interventivas e planejadas que minimizem os desfechos negativos em saúde inerentes à automedicação.

Dada a importância de como a informação é transformada em produto midiático, na velocidade da disseminação de Fake News e no efeito nocivo para o comportamento humano e nas práticas de saúde, torna-se urgente o planejamento de métodos para o controle e fiscalização no que tange o compartilhamento e qualidade das informações que circulam nas mídias sociais.

É igualmente urgente a elaboração de estratégias de popularização do conhecimento científico, viabilizando avanços efetivos e permanentes na educação da população para o consumo do saber científico, substituindo a difusão da desinformação por estudos qualificados, valorizando e tornando a ciência um assunto de todos.

Referências

- Andrade, E. A., Moreno, V. G. & Lopes-Ortiz, M. A. (2021). Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic. *Brazilian Journal of Development*. 7(7), 73772-73784.
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. D. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L. ... & Bertoldi, AD (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*. 50(2), 1-11.
- Batista, E. L. (2021). Grupo de médicos defende tratamento sem eficácia comprovada contra Covid-19 em jornais. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/02/grupo-de-medicos-defende-tratamento-precoce-sem-eficacia-contr-covid-19-em-jornais.shtml>
- Bapaye, J. A. & Bapaye, H. A. (2021). Demographic Factors Influencing the Impact of Coronavirus-Related Misinformation on WhatsApp: Cross-sectional Questionnaire Study. *JMIR saúde pública e vigilância*. 7(1), e19858.
- Bertoldi, A. D., Pizzol, T. D. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., Tavares, N. U. L. ... & Arrais, P. S. D. (2016). Perfil sociodemográfico dos usuários de medicamentos no Brasil: resultados da PNAUM 2014. *Revista de saúde pública*. 50(2), 1-11.
- Brito, J. C. M., Lima, W. G., Cardoso, B. G., Simião, D. C., Amorim, J. M. & de Araujo Silva, C. (2020). Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*. 2(3), 37-53.
- Carvalho, W. & Guimarães, Á. S. (2020). Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*. 3, e202003053.
- Conselho Federal de Farmácia. (2021). Venda de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid dispara. *Conselho Federal de Farmácia*. <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6197&titulo=Venda%2Bde%2Brem%C3%A9dios%2Bsem%2Befic%C3%A1cia%2Bco>
- Conselho Regional de Farmácia. (2020). Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos. *Conselho Regional de Farmácia*. <https://www.crfs.org.br/noticias/levantamentomost-ra-como-o-medo-da-covid-19-impactou-venda-de-medicamentos>
- Costa, C. M. F. N., Silveira, M. R., Acurcio, F. D. A., Guerra, A. A., Guibu, I. A., Costa, K. S. ... & Álvares, J. (2017). Uso de medicamentos pelos usuários da atenção primária do Sistema Único de Saúde. *Revista de Saúde Pública*. 51(2), 1-11.

- de Oliveira, V. V., de Oliveira, L. V., Rocha, M. R., Leite, I. A., Lisboa, R. S. & de Andrade, K. C. L. (2021). Impactos do isolamento social na saúde mental de idosos durante a pandemia pela Covid-19. *Brazilian Journal of Health Review*. 4(1), 3718-3727.
- de Sousa Júnior, J. H., Raasch, M., Soares, J. C. & de Sousa, L. V. H. A. (2020). Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cadernos de Prospecção*. 13(2 COVID-19), 331-331.
- de Sousa Santos, B. (2020). A cruel pedagogia do vírus. *Boitempo Editorial*. <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-cruel-pedagogia-do-virus-1021>
- Do Bú, E. A., Alexandre, M. E. S. D., Bezerra, V. A. D. S., Sá-Serafim, R. C. D. N. & Coutinho, M. D. P. D. L. (2020). Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 37, e200073.
- Domingues, P. H. F., Galvão, T. F., Andrade, K. R. C. D., Araújo, P. C., Silva, M. T. & Pereira, M. G. (2017). Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 26, 319-330.
- Faqihi, A. H. M. A., Sayed, S. F. (2020). Pratique d'automédication avec analgésiques (AINS et acétaminophène) e antibiòtics chez les étudiants de premier cycle en sciences infirmières du University College Farasan Campus, Jazan University, KSA. *Ann Pharm Fr*. 79 (3), 275-285.
- Fernandes, M. P. E. (2018). Automedicação no Brasil: dimensões de uma prática. *Universidade Federal do Ceará*. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33674>
- Freitas, A. R. R., Napimoga, M. & Donalisio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e serviços de saúde*. 29, e2020119.
- Galato, D., Madalena, J. & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*. 17, 3323-3330.
- Gomes, A. H. D., Rocha, A. K. A., de Sousa Viana, T. & Bachur, T. P. R. (2020). *Riscos da automedicação na pandemia por Covid-19: o dilema entre informações midiáticas e científicas*. Campina Grande, Paraíba: Editora Amplia.
- Gras, M., Gras-Champel, V., Moragny, J., Delaunay, P., Laugier, D., Masmoudi, K., Liabeuf, S. (2021). Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication. *Ann Pharm Fr*. 79(5), 522-529.
- Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. (2018). Pesquisa - Automedicação no Brasil. *Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade*. <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil2018%3E>
- Machado, C. C. V., Santos, J. G., Santos, N., Bandeira, L. (2020). *Political (self) isolation: international trends in misinformation and the departure from the scientific debate*. Scientific [self] Isolation. <https://laut.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Political-Self-Isolation-vF.pdf>
- Malik, M., Tahir, M. J., Jabbar, R., Ahmed, A. & Hussain, R. (2020). Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. *Drugs & Therapy Perspectives*. 36 (12), 565-567.
- Makowska, M., Boguszewski, R., Nowakowski, M. & Podkowińska, M. (2020). Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown. *Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*. 17 (22), 8344.
- Mengue, S. S., Bertoldi, A. D., Boing, A. C., Tavares, N. U. L., Pizzol, T. D. S. D., Oliveira, M. A. ... & Barros, A. J. D. D. (2016). Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM): métodos do inquérito domiciliar. *Revista de Saúde Pública*. 50(2), 1-11. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27982381/>
- Ministério da Saúde. (2021). Os riscos da automedicação aumentaram com a pandemia. *Copass Saúde*. <https://copass-saude.com.br/posts/os-riscos-da-automedicacao-aumentaram-com-a-pandemia>
- Navarrete-Mejía, P. J., Velasco-Guerrero, J. C., Loro-Chero, L. (2021). Automedicación en época de pandemia: Covid-19. *Rev. Corps Med. HNAAA*. 13(4), 350-355.
- Neto, M., de Oliveira Gomes, T., Porto, F. R., Rafael, R. D. M. R., Fonseca, M. H. S. & Nascimento, J. (2020). Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare enfermagem*. 25, e72627.
- Orsini, M., de Seixas Filho, J. T., de Castro, R. R. T. & Leite, M. A. A. (2020). Narrativas sobre o processo vida e morte marginal durante a pandemia por COVID-19. *Revista Augustus*. 25(51), 370-380.
- Oliveira, T. Z., Cunha, J. P. A., Lopes, V. D., Rodrigues, J. P. V., Santos, L. M. C., Varallo, F. R. & Pereira, L. R. L. (2022). Estudo infodemiológico das tendências de buscas relacionadas à COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*. 11(7), e14211729581-e14211729581. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29581>
- Posetti, J., Bontcheva, K. (2020). Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19. *Resumo de Políticas*. 1, 1-18.
- Quispe-Cañari, J. F., Fidel-Rosales, E., Manrique, D., Mascaró-Zan, J., Huamán-Castillón, KM., Chamorro-Espinoza, S. E. ... & Mejia, C. R. (2021). Práticas de automedicação durante a pandemia de COVID-19 entre a população adulta no Peru: uma pesquisa transversal. *Saudi Pharmaceutical Journal*. 29 (1), 1-11.
- Santos-Pinto, C. D. B., Miranda, E. S. & Osorio-de-Castro, C. G. S. (2021). O "kit-covid" e o Programa Farmácia Popular do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 37(2), e00348020.
- Secoli, S. R., Marquesini, E. A., Fabretti, S. D. C., Corona, L. P. & Romano-Lieber, N. S. (2019). Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 21(2), e180007.
- Senhoras, E. M. (2020). Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. *Boletim de conjuntura*. 1(1), 29-32.

Sharma, K., Seo, S., Meng, C., Rambhatla, S. & Liu, Y. (2020). Covid-19 nas redes sociais: analisando a desinformação em conversas no Twitter. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*. <https://sol.sbc.org.br/index.php/stil/article/view/17796/17630>

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D. & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*. 8, 102-106.

Tejada, S. F. & Medina-Neira, D. (2020). La automedicación promovida por medios de comunicación, un peligro con consecuencias en tiempos de crisis de salud pública por la COVID-19. *Revista Cubana de Información en Ciencias da Saúde (ACIMED)*. 31(3), 1-4.

Tritany, R. F. & Tritany, É. F. (2020). Uso Racional de Medicamentos para COVID-19 na Atenção Primária à Saúde. *Saúde em Redes*. 6(2), 11-21.

Vigdor, N. (2020). Man fatally poisons himself while self-medicating for coronavirus, doctor says. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/03/24/us/chloroquine-poisoning-coronavirus.html>

Xavier, M. S., Castro, H. N., de Souza, L. G. D., de Oliveira, Y. S. L., Tafuri, N. F. & Amâncio, N. D. F. G. (2021). Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*. 4(1), 225-240.

Werneck, G. L. & Carvalho, M. S. (2020). A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*. 36(5), e00068820.

Whittemore, R. & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Leading Global Nursing Reseach*. 52 (5), 546-553.

Wirowski, N., da Silva Melo, C., Vieira, I. S. & Moreira, F. P. (2022). Prevalence of self-medication for COVID-19 among young adults during the pandemic in Brazil. *Research, Society and Development*. 11(7), e29011729955-e29011729955. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29955>

Zarocostas, J. (2020). How to fight an infodemic. *The Lancet*. 395 (10225), 676. [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext)

Zuker, F., Pedro, T. (2022). Fake News e 'kit-Covid': como Bolsonaro impactou decisão sobre vacinas entre indígenas. *Democraciaabierta: Investigation*. <https://www.opendemocracy.net/pt/fake-news-kit-covid-vacinas-indigenas-brasil-bolsonaro/>